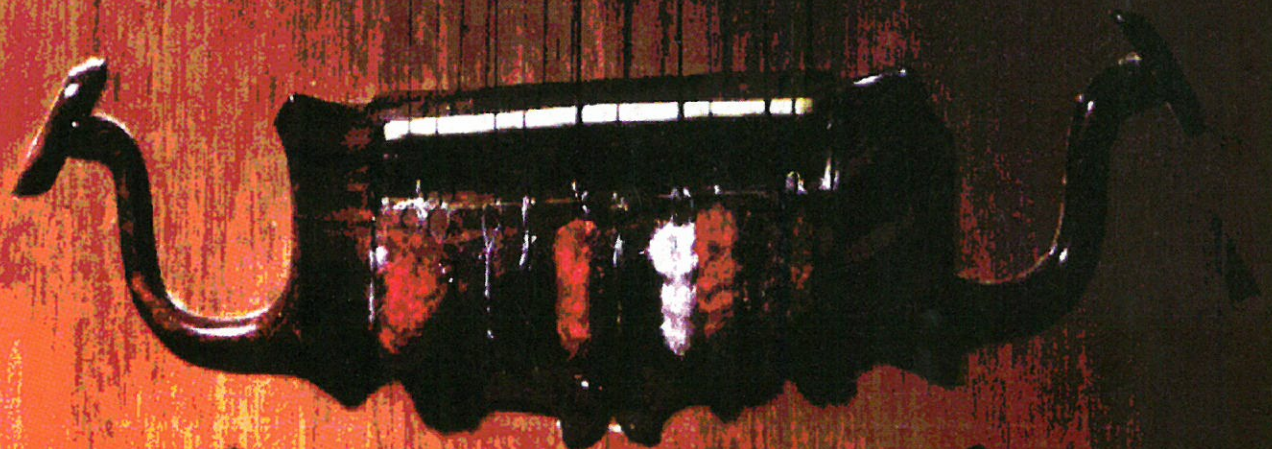


SONORA
Brasil
sínteses
CIRCUITO NACIONAL DE MÚSICA

SESC
NACIONAL



VIOLAS DO BRASIL

Roberto Corrêa • Badia Medeiros • Paulo Freire

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Conselho Nacional

PRESIDÊNCIA

Antônio Oliveira Santos

Departamento Nacional

DIREÇÃO GERAL

Albucacis de Castro Pereira

DIREÇÃO DA DIVISÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS

Carlos Gilberto de Oliveira

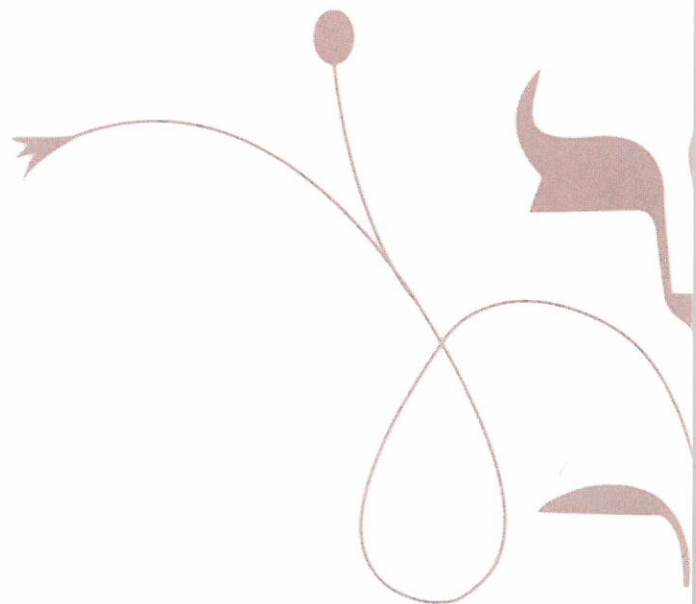
Apresentação

O Projeto Sonora Brasil é parte integrante do trabalho de formação de platéias que o SESC desenvolve na área da música em todo o país, fundamentado na difusão de toda a diversidade cultural possível existente no acervo produtivo elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

Atuando no âmbito de um circuito nacional, a iniciativa do SESC tem por objetivo difundir programas consistentes, efetivamente culturais, identificados com o desenvolvimento histórico da música no Brasil, dos primórdios aos tempos atuais, promovendo a ampliação e qualificação do nível de cultura musical das platéias, através da difusão de programas que venham a compor um papel significativo de parte expressiva da produção musical de nosso país, priorizando aquelas que, por seus valores intrínsecos e qualidade indiscutível, não encontram espaço regular nos meios de comunicação em geral, ausentes, conseqüentemente, dos processos usuais de posicionamento mercadológico.

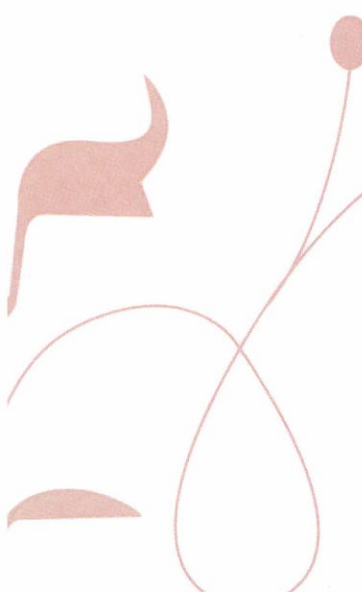
A realização do Projeto Sonora Brasil, em seu quinto ano de desenvolvimento, representa a concretização dos objetivos socioculturais do SESC, contribuindo para o processo de desenvolvimento pluralista da sociedade, levando a informação musical aos mais distantes pontos do país.

SESC Departamento Nacional
DPS Divisão de Programas Sociais
Wagner Campos
Assessoria Técnica em Música



VIOLAS DO BRASIL

Desde a mais remota antigüidade, instrumentos de cordas contando com um longo braço, saindo de uma caixa de ressonância, já eram utilizados. De uma forma mais específica, desde o Egito antigo, a história registra o uso musical de uma diversidade de cordofones, tangido com arco ou dedilhado, tendo seus remanescentes recebido durante a idade média e a renascença a denominação geral de "Viola". Atribui-se a este termo, comum a todo o romansário, um sentido onomatopaico, procedente do occitano antigo "viula", derivado de "viular", ou seja, tocar um instrumento de sopro, numa clara alusão ao cantar. Igualmente, registra o dialeto Catalão a palavra "fiular", significando piar, assim como no latim vulgar do século XI, o termo "vidula". Diz-se, então, que a palavra "viula", tanto quanto suas variantes, adaptou-se facilmente nas línguas modernas, como no francês "violle", no inglês "viol", no castelhano "vihuela" e, em nossa forma conhecida, no português "viola", dando aos cordofones a mesma dimensão melódica atribuída aos instrumentos de sopro.



Então em Portugal, a partir do século XVI, um instrumento de caixa alta, boca redonda, braço de médio tamanho, com cinco ordens de cordas metálicas duplas, presas em um cavalete colado sobre o tampo, encontra-se amplamente difundido. Designado correntemente de viola, sua utilização generaliza-se em contextos mais populares, em festas rurais e de rua, "ao serviço de amores, devaneios, diversões e folias". Inúmeras são, por exemplo, as menções

que a ela faz Gil Vicente, como instrumento de excelência na música ligeira, "para solaz ou galanterias de escudeiros". Em sua comédia "Quem tem farelos?", a personagem Aires Rosado, depois de afinar as cordas de sua viola e solfejar as notas da escala musical, vê surgir à janela a sua amada Isabel. Na "Farsa de Inês Pereira", um escudeiro pretendente, dialogando com as personagens Vidal e Latão, diz:

"Eu não tenho mais de meu
samente ser comprado
do Marechal meu senhor
e sou escudeiro seu
Sei bem ler
e muito bem escrever,
e bom jogador de bola,
e quanto a tanger viola,
logo me ouvireis tanger."

O instrumento aparece também registrado na crônica de D. Sebastião, onde se narra o episódio de Alcácer-Quibir, sobre o músico do rei, que cantou durante a infeliz jornada, acompanhando-se à viola. Ainda, destaca-se na imagem de um anjo músico, existente no Altar do Mosteiro de Alcobaça, e até mesmo no depoimento do português doutor em cânones, Antônio Ribeiro dos Santos, em seu "Manuscritos", do século XVIII, referindo-se ao mulato brasileiro, Domingos Caldas Barbosa, o nosso "Lereno", cantando modinhas acompanhadas à viola, entre outros numerosos exemplos de igual importância histórica.

O ano de 1572 registra a publicação em Portugal, do "Livro dos officiaes mecânicos da mui nobre e sepre leal cidade de Lixboa", no qual, nos dá um registro da fabricação de violas, "de costilhas de pau-preto ou vermelho, laurada de fogo...tampão e fundo de duas metades... cõ hu marchete de oito e outro de quatro... e pelo pescoço arriba hu rotolo ou huas encaixaduras cõ seus remates... grudada cõ grude de pexe...e seraa



forrada por dentro cō forros de pano". No entanto, o fabrico de violas em Portugal, sobretudo em Lisboa, remete a tempos mais antigos, já no século XV, onde se tem notícia de uma diversidade de profissionais artesãos, incluindo fabricantes de cordas, de tripa e de chapa de arame. Na região Norte do país, estes instrumentos eram fabricados por uma indústria localizada na então vila de Guimarães, composta de várias oficinas especializadas na construção de instrumentos de cordas, em atividade desde o século XVII. Não coincidentemente, em 1719 é publicado o "Regimento dos violeiros de Guimarães", especificando a feitura de outros tipos de violas, "de marca grande", "de contra bordões", "de costilha", entre outras, atestando, assim, seu enraizamento nas camadas populares, reconhecida como o verdadeiro e grande instrumento regional.

Em 1789, é publicado em Coimbra a "Nova Arte da Viola". Segundo seu autor, Manuel da Paixão Ribeiro, o bom instrumento era o de cordas de tripa ou de arame, sendo as de arame melhor equilibradas. Entre outras considerações teóricas, sugeria a afinação da antiga guitarra espanhola, mi, si, sol, ré, lá, do agudo para o grave. A viola, então, tinha um papel destacado no panorama musical do país, até mesmo num contexto mais urbano, onde, em Lisboa, era o principal instrumento acompanhante com que se cantavam as modinhas, e mesmo o fado, então em seus primórdios. Entre o fim do século XVIII e o início do XIX, com o surgimento do violão de seis cordas na Europa, a velha viola vai aos poucos sendo substituída em todo o país, dando lugar ao novo instrumento, de mais amplos recursos técnicos, difundido em todo o continente como instrumento moderno, de feição mais citadina. Nos dias de hoje, subsiste no interior de Portugal, de forma destacada, a viola braguesa e a viola amarantina, ambas, estreitamente assemelhadas, ainda presentes em festejos populares e ocasiões importantes.



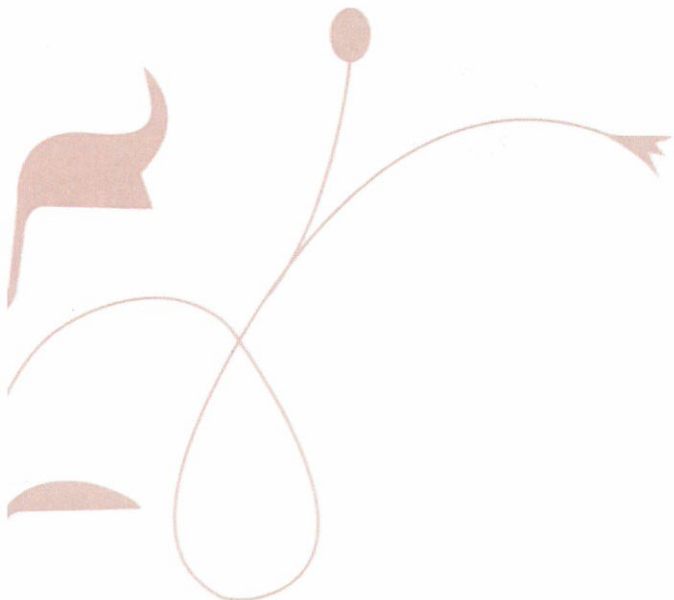
Viola caipira, viola cabocla, viola de dez cordas, viola de pinho, viola brasileira, viola de arame,, etc. Em nosso país muitos são os nomes atribuídos ao mesmo instrumento. Apesar de mantida a sua estrutura básica, as tradições musicais de cada região determinaram o aparecimento de outros tipos de violas, fruto da miscigenação das culturas diversas, em especial a negra e a indígena. Viola de cabaça, viola de bambu e viola de cocho, entre outras.

De origem incerta, a viola de cocho é um instrumento característico da região Centro-Oeste do Brasil, com presença marcante no estado de Mato Grosso. Muito utilizada nas manifestações populares tradicionais e nas festas de santos, onde acontece o cururu e o siriri, seu nome deriva da vasilha usada para alimentar animais, especialmente o gado, em geral feita com um tronco de madeira inteiriço escavada. Do mesmo modo, neste “cocho”, então caracterizado como caixa de ressonância, se fixa um tampo bem fino, de modo a possibilitar uma boa sonoridade, feito em geral da raiz da figueira, além das demais partes constitutivas do instrumento, entre outras o cavalete, o cravelhal, e os trastos, esta última feitos de barbantes embebidos em cera de abelha. Ainda hoje algumas violas apresentam um orifício circular no meio do tampo, de modo a possibilitar uma melhor projeção do som, sendo a ausência do furo uma característica dos instrumentos mais recentes. As cordas da viola de cocho podem ser feitas de tripas de animais como o macaco bugio, de fibras vegetais como o tucum, ou de linha de pesca, sendo esta última a mais utilizada atualmente devido a maior facilidade de aquisição. A viola de cocho se arma com cinco ordens de cordas simples, apresentando duas formas tradicionais de afinação: canotio solto (La, Mi, Si, La, Re) e canotio preso (La, Mi, Si, Sol, Re), sendo canotio o nome atribuído a quarta corda do instrumento. Tradicionalmente, a altura em que se fixa qualquer uma das afinações é variável, sem a observância de uma determinada altura padrão



previamente estabelecida, baseada somente na memória auditiva de cada executante. A viola teve, no século XVI, sua época de esplendor. Os portugueses levaram-na a todas as regiões coloniais, incorporando-a nas culturas locais, entre outras, das ilhas da Madeira, Cabo Verde e Açores. Herdada de Portugal, a viola encontra-se presente também no Brasil, inclusive sob diversas formas originais, constituindo parte fundamental de nosso instrumental popular.

WAGNER CAMPOS



Violas do Brasil



ROBERTO CORRÊA, PAULO FREIRE E BADIA MEDEIROS

ROBERTO CORRÊA - VIOLA DE ARAME, VIOLA DE COCHO E VOZ

PAULO FREIRE - VIOLA DE ARAME, VIOLA DE COCHO E VOZ

BADIA MEDEIROS - VIOLA DE ARAME, VOZ E SAPATEADO

Programa

Pagode em Brasília (TEDDY VIEIRA - LOURIVAL DOS SANTOS)
ROBERTO CORRÊA, PAULO FREIRE E BADIA MEDEIROS - VIOLA DE ARAME E VOZ

Mazurca do viajor (ROBERTO CORRÊA/INSTRUMENTAL)
ROBERTO CORRÊA E PAULO FREIRE - VIOLA DE ARAME

Peleja de siriema com cobra (ROBERTO CORRÊA/INSTRUMENTAL)
ROBERTO CORRÊA - VIOLA DE COCHO

O caso do Angelino (PAULO FREIRE)
PAULO FREIRE - VIOLA DE ARAME E VOZ (TEXTO)

Tristeza do Jeca (ANGELINO DE OLIVEIRA)
ROBERTO CORRÊA, PAULO FREIRE E BADIA MEDEIROS - VIOLA DE ARAME E VOZ

Inhuma (TRADICIONAL) - INSTRUMENTAL
PAULO FREIRE - VIOLA DE COCHO;
BADIA MEDEIROS - VIOLA DE ARAME

Fogo na macega (BADIA MEDEIROS/INSTRUMENTAL)
BADIA MEDEIROS - VIOLA DE ARAME

Quase verdade (BADIA MEDEIROS)
BADIA MEDEIROS - VIOLA DE ARAME E VOZ;
ROBERTO CORRÊA - VIOLA DE COCHO E VOZ;
PAULO FREIRE - VIOLA DE ARAME

Manuelzão (PAULO FREIRE/INSTRUMENTAL)
PAULO FREIRE - VIOLA DE ARAME

Viola cor de vinho (JOÃO PACÍFICO)
Cor de saudade (PAULO FREIRE)
PAULO FREIRE - VIOLA DE ARAME E VOZ (TEXTO);
ROBERTO CORRÊA - VIOLA DE ARAME

Viola quebrada (MÁRIO DE ANDRADE)
ROBERTO CORRÊA - VIOLA DE ARAME E VOZ;
PAULO FREIRE - VIOLA DE COCHO

Lagartixa (TRADICIONAL)
PAULO FREIRE, ROBERTO CORRÊA, BADIA MEDEIROS - VIOLAS DE ARAME

Benzim (TRADICIONAL)

ROBERTO CORRÊA, PAULO FREIRE - VIOLA DE ARAME E VOZ

Rio abaixo (PAULO FREIRE - MANOEL DE OLIVEIRA/INSTRUMENTAL)

PAULO FREIRE - VIOLA DE ARAME E VOZ (TEXTO)

Queluzindo (ROBERTO CORRÊA)

ROBERTO CORRÊA ? VIOLA DE ARAME

Horóscopo (ALVARENGA, RANCHINHO, CAP. FURTADO)

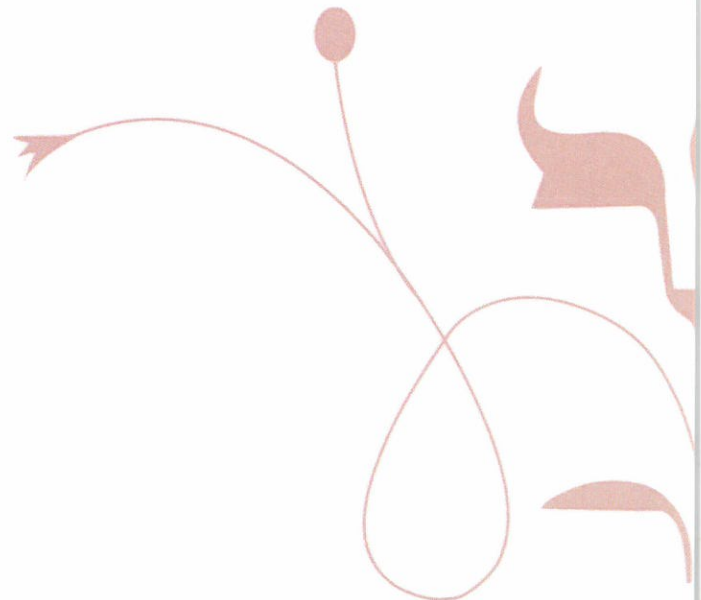
PAULO FREIRE E BADIA MEDEIROS - VIOLA DE ARAME E VOZ

Lundu (TRADICIONAL/INSTRUMENTAL)

PAULO FREIRE - VIOLA DE ARAME;

ROBERTO CORRÊA - VIOLA DE COCHO;

BADIA MEDEIROS - SAPATEADO



Anotações

Pagode em Brasília (TEDDY VIEIRA - LOURIVAL DOS SANTOS)

Este pagode-de-viola foi o primeiro do gênero a alcançar sucesso nacional, revelando Tião Carreiro, que lançou este clássico caipira em dupla com Pardinho, como um dos maiores violeiros do país. Tião Carreiro, Carreirinho e Bambico são tidos como criadores deste ritmo de difícil execução e forjado a partir dos toques tradicionais de viola, como o lundu e o recortado.

Mazurca do Viajor (ROBERTO CORRÊA)

A mazurca é dança européia que se popularizou no Brasil, e no nosso interior foi adquirindo os sotaques próprios de cada região. Esta mazurca foi inspirada no conto "Cara de Broze" de Guimarães Rosa, composta para a trilha musical de montagem teatral sobre este texto. Foi recentemente gravada no CD "Extremosa-rosa" de Roberto Corrêa, fazendo parte do repertório recente do violeiro.

Peleja de siriema com cobra (ROBERTO CORRÊA)

É um rasgueado, ritmo muito popular na região centro-oeste. Composta na viola de cocho, a música foi inspirada na luta deste pássaro com uma cobra, geralmente vencida pela Siriema. Foi gravada pela primeira vez no disco "Viola Caipira - um pequeno concerto" (1988) e posteriormente no "Uróboro" (1994), exclusivamente com composições solo de Roberto Corrêa para a viola caipira e a viola de cocho.

O caso do Angelino (PAULO FREIRE)

Contado por muitos amigos de Angelino, este caso é sobre uma viagem que ele fez de trem pelo interior do Estado de São Paulo quando teve uma profunda revelação sobre sua vida e sua maior composição: Tristezas do Jeca.

TRISTEZA DO JECA (ANGELINO DE OLIVEIRA)

Considerada o hino do caipira brasileiro, esta canção foi composta por Angelino de Oliveira, paulista de Itaporanga, em 1918. Teve dezenas de gravações, certamente a mais famosa com Tônico e Tinoco. Foi prefixo de várias rádios brasileiras e também da BBC, de Londres, quando iniciava suas transmissões sobre o Brasil.

INHUMA (TRADICIONAL)

A inhuma é um pássaro e também o nome de um toque tradicional de viola. Os violeiros afirmam que o toque inspira-se no cantar da inhuma quando esta abandona uma região mudando-se para outra. Cada violeiro ponteia o toque à sua maneira, compondo a sua própria "inhuma". O canto sugere despedida e saudade. O toque é instrumental, mas, segundo alguns violeiros tradicionais, parece dizer: "adeus meu povo que eu vou m'embora, por aqui não volto mais, eu vou m'embora, eu não volto mais...".

FOGO NA MACEGA (BADIA MEDEIROS)

Badia Medeiros é violeiro formado pelas tradições populares da viola, guia de folia do divino é também exímio dançador de lundu. Neste solo, de sua autoria, Badia apresenta a maneira de tocar dos antigos violeiros, dos quais é um dos raros representantes.

QUASE VERDADE (BADIA MEDEIROS)

Este lundu, composto pelo violeiro Badia Medeiros, segue a linha das músicas de curraleira, dança comum no noroeste de Minas Gerais, cujas poesias narram fatos curiosos acontecidos na região. Este lundu é influenciado pelo pagode-de-viola, bastante popularizado no meio rural pelas rádios, nas décadas de 1960 e 1970, e sua letra narra uma inusitada caçada de onça.

MANUELZÃO (PAULO FREIRE)

Composição de Paulo Freire, presente em seu livro e CD "Lambe-Lambe", Manoelzão é um tema instrumental de viola. A música é uma homenagem ao vaqueiro que guiou o escritor João Guimarães Rosa em viagem pelo sertão mineiro. Paulo Freire conheceu Manoelzão e se encantou com o vaqueiro.

Viola cor de vinho (JOÃO PACÍFICO)

Cor de saudade (PAULO FREIRE)

Considerado um dos maiores letristas da música brasileira ("Cabocla Tereza", "Pingo D'água", etc.), João Pacífico deixou vários poemas escritos. Viola cor de vinho é um deles. Paulo Freire recebeu a encomenda de musicá-lo para um filme e compôs a música Cor de Saudade, que é pontuada pela viola junto aos versos do poeta.

Viola quebrada (MÁRIO DE ANDRADE)

Mário de Andrade criou esta modinha inspirado na linguagem, despojada e livre, das falas do caipira paulista, e na doçura e romantismo do gênero, bastante difundido pelo Brasil no século XIX.

Lagartixa (TRADICIONAL)

Toque de viola da região do urucuia recolhido por Paulo Freire. Esta peça mostra a curiosa tradição de toques de viola tentando reproduzir características de bichos.

Benzim (TRADICIONAL)

Esta cantiga tradicional foi primeiramente recolhida por Angélica de Rezende no ano de 1936 em Sete Lagoas/MG. A versão aqui apresentada, foi recolhida por Roberto Corrêa em Montes Claros/MG.

Rio abaixo (PAULO FREIRE - MANOEL DE OLIVEIRA)

Este toque de viola tradicional do sertão, além de ser o nome de uma afinação do instrumento, é também um causo que conta do diabo em forma de moço bonito que vai descendo o rio, tocando viola e carregando o coração das moças.

Queluzindo (ROBERTO CORRÊA)

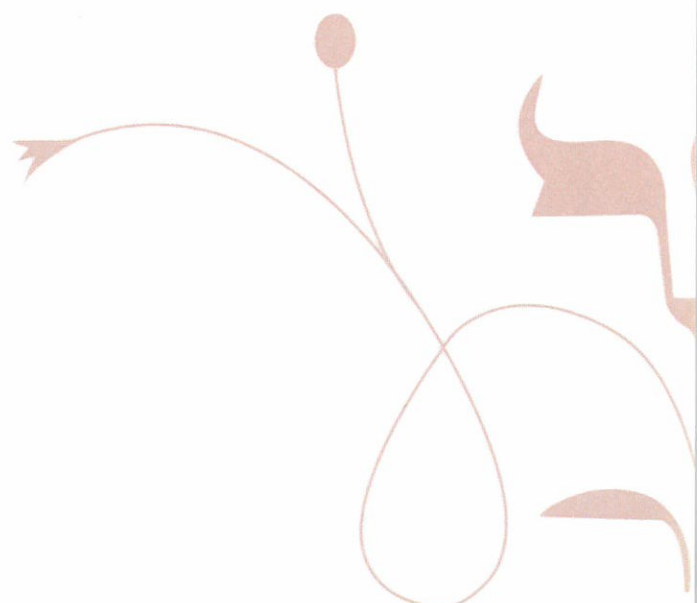
Esta peça foi composta em uma antiga viola de Queluz. A técnica de execução é a mesma dos antigos violeiros: o mínimo apoiado no tampo, o polegar e indicador fazendo o ponteadado. A composição também utiliza-se do efeito, recorrente nos toques tradicionais, de batidas no tampo do instrumento intercaladas com a melodia. Queluz, hoje Conselheiro Lafaiete (MG), no final do século XIX e início do XX, tornou-se famosa pela qualidade e beleza de suas violas.

HORÓSCOPO (ALVARENGA, RANCHINHO, CAP. FURTADO)

Alvarenga e Ranchinho foi a dupla que melhor mostrou o humor e a sabedoria do caipira. Com suas letras irônicas e divertidas chegaram a incomodar até o presidente da República de sua época, Getúlio Vargas, que os mandava prender por considerar suas letras "subversivas". Horóscopo é um bom exemplo, e aqui eles dão uma receita para o casamento.

LUNDU (TRADICIONAL)

O lundu é toque tradicional de viola e também dança onde o dançador mostra toda sua habilidade no sapateado. O ritmo é bem marcado e os violeiros vão "colocando versos" tradicionais da região, ou improvisados.

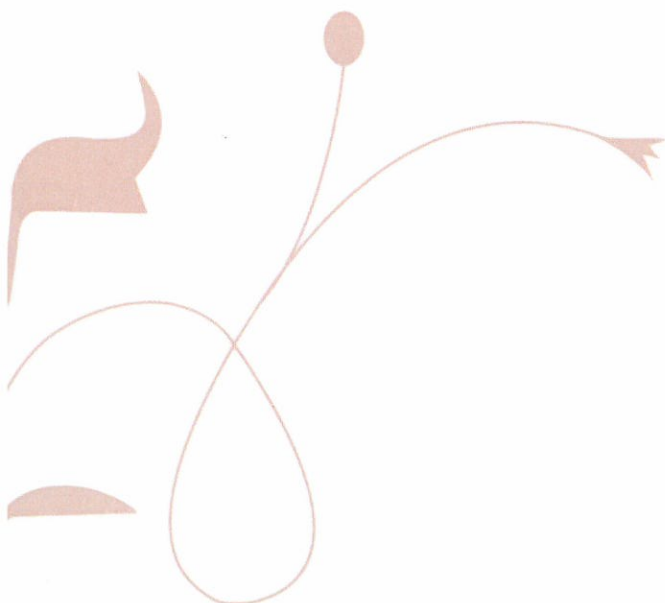


Badia Medeiros

Badia Medeiros é artista formado pela tradição popular. Natural de Unaí - MG, nasceu em 1940. Desde sua infância, convive com as mais diversas manifestações populares do sertão brasileiro, entre elas as folias de reis e do divino, o lundu e o catira.

Badia Medeiros é violeiro, guia de folia do divino e exímio dançador de catira e lundu. Em suas apresentações leva a mais genuína expressão de nosso povo interiorano. Participou do CD "Sertão Ponteadado - Memórias Musicais do Entorno do DF"/ Viola Corrêa - 1998, pesquisa de Roberto Corrêa e Juliana Saenger, indicado para o Prêmio Rodrigo Melo Franco, IPHAN 1999. Foi contemplado com o Prêmio Renato Russo/98 (Fundação Cultural do DF), tendo participado do CD Coletânea. Foi selecionado no programa Rumos Musicais do Itaú Cultural/ 2000, tendo participado do CD da série Cartografia Musical Brasileira/região Centro-Oeste/ 2001.

Apresentou-se em 2001 no Itaú Cultural - São Paulo (Rumos Musicais 2001). Durante os anos 1999 e 2000 participou de shows acompanhando o violeiro Roberto Corrêa: a convite de Antônio Nóbrega, no Teatro Brincante / São Paulo - SP (Encontro com a Dança e a Música Brasileiras); na Confraria da Dança/ Campinas - SP; na Sala Martins Penna do Teatro Nacional, Brasília - DF. Realiza várias apresentações em dupla caipira no DF e Entorno. Participou de programas televisivos como Viola Minha Viola, de Inezita Barroso (TV Cultura), Clima de Fazenda da TV Brasília e Entre Amigos do Canal Rural. Em 2002 participa como violeiro e sanfoneiro da peça teatral "Rosanegra" da Companhia dos Sonhos dirigida por Hugo Rodas (Brasília, DF).



Paulo Freire

Estudou violão com Henrique Pinto, em São Paulo, e Betho Davesaky, em Paris, onde obteve medalha no "Concours de Classes Supérieures de Paris".

Em 1977, apaixonado pelo romance "Grande Sertão: Veredas", de João Guimarães Rosa, foi morar no Norte de Minas Gerais, região do rio Urucuia. Aprendeu a tocar viola com Manoel de Oliveira e outros mestres da região. Aprofundou-se nos costumes e lendas do sertão.

Criou e executou a trilha do seriado "Grande Sertão: Veredas", da TV Globo.

Morou em Paris de 1982 a 1985. Além de estudar violão clássico, atuou em grupos de Música Popular Brasileira em vários países da Europa e na Argélia.

Compôs trilhas especiais para matérias do programa "Globo Rural", da TV Globo (entre elas "Escola de Peões"- Prêmio Wladimir Herzog de Direitos Humanos - 1993 e "O Umbu"- Prêmio Febraban - 1994).

Compôs, em parceria com Swami Júnior, a canção "Bom Dia", gravada por Zizi Possi no disco "Valsa Brasileira" (Prêmio SHARP - melhor disco do ano - 1994).

Tem dois romances publicados pela editora Guanabara: "O Canto dos Passos" - 1988, e "Zé Quinha e Zé Cão, vai ouvindo..." - 1993.

Realiza uma turnê de viola-solo pela Europa, apresentando-se em festivais de World Music da Bélgica e Holanda - 1995.

Grava seu primeiro disco solo de Viola: "Rio Abaixo", pelo selo Pau Brasil, em 1995 (Prêmio SHARP de Revelação Instrumental).

Escreve o livro "Eu Nasci Naquela Serra", biografia dos compositores paulistas Angelino de Oliveira, Raul Torres e Serrinha, em 1996, lançado pela Editora Paulicéia. Narrando a vida destes grandes compositores (autores de "Tristezas do Jeca", "Saudades de Matão", "Cabocla Tereza", "Chitãozinho e Xororó", entre outras), é contada a história da música caipira, até a transformação desta no gênero sertanejo.

Escreve nas revistas "Caros Amigos", da Editora Casa Amarela; e Globo Rural, da Editora Globo.

É integrante da Orquestra Popular de Câmera, que lançou seu primeiro CD em 1998. Prêmio Movimento - Melhor CD do ano. Em dezembro de 1999 faz shows pelos EUA.

Grava seu segundo CD solo: "São Gonçalo", pela Pau Brasil, lançado em abril de 1998.

Participa da série "Violeiros do Brasil", televisionada pela TV Cultura e lançada em CD pelo selo Núcleo Contemporâneo.

Tem uma sonata dedicada a ele: a "Sonata para viola caipira e violão", composta por Paulo Porto Alegre. Esta obra, única no gênero, teve a estréia em setembro de 1999, interpretada e registrada em CD pelos dois instrumentistas na série "Rumos Musicais" do Instituto Cultural Itaú.

Entra para o grupo ANIMA, e grava o CD "Especiarias" - Prêmio Carlos Gomes, melhor grupo de câmara - 2000.

Realiza duas turnês pelos EUA com o grupo Anima, em outubro de 2000 e março de 2001.

Junto com o violonista norte-americano John La Barbera, e o violinista suíço Thomas Rohrer, realiza uma turnê pelas unidades do SESC no Estado de São Paulo - 2001.

Grava uma versão da música Boi da Cara Preta para o selo americano Ellipsis Arts, na coletânea Papa's Lullaby, lançado mundialmente por esta gravadora em junho de 2001 - Prêmio Silver Parents Choice - EUA.

Participa das filmagens do documentário sobre a vida e obra de João Pacífico - direção de Paulo Weidebach.

Um dos responsáveis pelo fato da viola estar ganhando as salas de concerto, Paulo Freire gravou com os violeiros Pereira da Viola, Passoca e Bráz da Viola e também participou da gravação de CDs dos artistas: Arnaldo Antunes, Mônica Salmaso, Luiz Tatit, Maurício Pereira, entre outros.

Vem realizando shows, palestras e oficinas de viola pelo Brasil.



Roberto Corrêa

Roberto Corrêa é violeiro, compositor e pesquisador. Natural de Campina Verde - MG descende de uma família de violeiros. Radicado em Brasília desde 1975, graduou-se em física e música pela UnB. Possui dez CDs gravados, além de participações em vários trabalhos. É professor pesquisador da Escola de Música de Brasília, onde passou a lecionar em 1985, tornando-se o primeiro professor de viola caipira em uma escola oficial.

Inovador em sua criação, Roberto Corrêa utiliza elementos musicais modernos em seu trabalho, tendo levado a viola às salas de concerto e explorado suas potencialidades como instrumento solista. Em quase vinte anos de carreira, Roberto Corrêa apresentou a viola caipira e a viola de cocho nas diversas regiões brasileiras e em 25 países, em todos os continentes, entre os quais: Japão, China, Alemanha, Canadá, Itália, França, EUA, Portugal, Cuba, México, Argentina, Chile e Moçambique.

Os CDs gravados compreendem títulos que tornaram-se referência na história recente da viola no Brasil, incluindo dois trabalhos com a cantora Inezita Barroso. No CD Uróboro (1994), Roberto quis trazer a sua contribuição para o repertório violeiro, apresentando 21 de suas composições solo para o instrumento. [“Roberto Corrêa ponteia com erudição sua assumida viola caipira no CD Uróboro, na pele de um Guimarães Rosa encordado.” Tárík de Souza, JB, 10/out/1995] Em Crisálida (1996) explorou o potencial do instrumento, interpretando vários gêneros e autores brasileiros em arranjos originais. [“Roberto Corrêa é referência obrigatória quando se fala em viola caipira. Em Crisálida expande limites e abre o CD com uma versão violeira solo de o Trenzinho do Caipira, de Villa-Lobos.” Mauro Dias, Estadão, 22/ago/1996] O disco Viola Caipira - um pequeno concerto (1988), produzido por J. C. Botezelli (o Pelão) e relançado em CD em 1998, foi o primeiro disco de viola pura gravado no Brasil.

Este ano Roberto Corrêa chegou ao décimo CD, Extremosa-rosa (2002), com dez composições próprias junto a clássicos do repertório caipira. [“A intimidade entre músico e instrumento é o que define a linha do disco e o torna incomum. (...) Alternando-se entre faixas cantadas e instrumentais, o dedilhado de Corrêa produz um som quase hipnótico, desperta emoções fortes, motiva reminiscências, evoca paisagens interioranas...”

ROSUALDO RODRIGUES, CORREIO BRAZILIENSE, 23/JAN/2002]

Como pesquisador das tradições musicais do Brasil realizou, além de trabalhos independentes, pesquisas com o apoio do CNPq, do INF/Funarte e do MinC. Publicou o livro *Viola Caipira* (1983), o primeiro no Brasil sobre o instrumento; o CD *Sertão Ponteadado* (1998) com gravações originais de grupos tradicionais do Entorno do DF; e o livro *A Arte de Pontear Viola* (2000), no qual apresenta seu método para o ensino e a aprendizagem do instrumento, e sua pesquisa sobre as tradições da viola no Brasil. [Trata-se de projeto sem igual. Concebido em duas partes – teórica e prática – e com um CD anexo, o livro detalha a construção, a tipologia, afinações e histórico do instrumento e, didaticamente, orienta toques, escalas e posições manuais que podem ser acompanhadas pelas gravações.]

PEDRO KÖHLER, REVISTA BRAVO, MAI/2001]

Colaborador da revista *Globo Rural*, Roberto Corrêa escreve na coluna mensal "Raízes" artigos sobre o universo cultural caipira. Foi curador regional (Centro-Oeste) do projeto *Rumos Musicais do Itaú Cultural 2000/ 2001*.

"Roberto Corrêa é um dos maiores violeiros de todos os tempos e, certamente, o maior dos teóricos da viola."

MAURO DIAS, O ESTADO DE SÃO PAULO, 13/DEZ/97

"Roberto Corrêa trouxe uma abordagem moderna a esse instrumento [viola caipira], mais popular na música regional brasileira, com seu toque veloz, linguagem arrojada e grande sensibilidade musical."

VERA KIKUTI, GUITARPLAYER, JUNHO/2001.

"Roberto está utilizando toda linguagem e sonoridade peculiar deste instrumento [viola caipira] a serviço de uma música contemporânea. (...) Prestem atenção neste nome, com certeza em breve representará o futuro das cordas brasileiras no mundo inteiro, afinal de contas, world music e música regional são duas faces da mesma moeda."

MÁRCIO OKAYAMA, GUITARPLAYER, JUN/97

"Roberto Corrêa, (...) compositor e investigador de sons indígenas e populares, ofereceu um recital com uma espécie de guitarra compacta, chamada viola caipira, que nos deixou gratamente surpreendidos, tanto pela qualidade das peças interpretadas como pela novidade do instrumento."

JOSÉ SARAMAGO, CADERNOS DE LANZAROTE II, Ed. CIA DAS LETRAS, 1999
VEJA MAIS SOBRE ROBERTO CORRÊA EM: WWW.ROBERTOCORREA.COM.BR

CDRM

Centro de Difusão e Realizações Musicais

Uma iniciativa voltada para a formação de platéias, atuando no âmbito da diversidade musical disponível no acervo de conhecimentos elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

Salas de Música

Fonotecas

Centros de Tecnologias Musicais

Estúdios de Gravação

Cursos, Oficinas, Audições Orientadas, Pesquisas e Estudos, Workshops, Gravações musicais.

Acervos fonográficos de referência histórica, Banco de partituras, Editoração Musical, Bibliotecas musicais especializadas, Projetos culturais de produção de CDs.



PROJETO SONORA BRASIL

REALIZAÇÃO

SESC – Departamento Nacional

PROJETO E PRODUÇÃO

DPS – Divisão de Programas Sociais

GCL – Gerência de Cultura e Lazer

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA

DPD – Divisão de Planejamento e Desenvolvimento

GDP – Gerência de Divulgação e Promoção Institucional

S E S C

N A C I O N A L
www.sesc.com.br